

# Narrativas de identidade: *as coming out stories* como um discurso de resistência

Anna Elizabeth Balocco

## Resumo

O gênero *coming out stories* representa uma "narrativa de transgressão" (CALDAS-COULTHARD, 1996, p. 256), associadas à afirmação pública de uma identidade sexual que, para muitos ainda, é vista como transgressora (GIDDENS, 1992, p. 23). Por outro lado, o gênero constroi um novo sujeito do discurso, ao codificar um conjunto de práticas sociais através das quais o sujeito homoerótico se representa para si próprio e para outros. Nesta pesquisa, apresento uma análise de depoimentos publicados na Revista *Época*, que fazem parte de uma matéria de capa, intitulada "As homossexuais brasileiras ocupam espaço público e afirmam sua orientação sexual com dignidade". Meu argumento principal é o de que o padrão de articulação de discursos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 58) nas narrativas analisadas inscreve essas mulheres como o Outro de discursos hegemônicos sobre o gênero e sobre a orientação sexual. No entanto, embora elas sejam inscritas duplamente, suas narrativas representam um desafio às fronteiras demarcadas por "discursos competentes" (CHAUÍ, 2000, p. 7), constituídos para apagar as diferenças culturais, étnicas, lingüísticas, de gênero ou de orientação sexual.

Palavras-chave: Identidade. Discurso. Homoerotismo.

## 1 Introdução

É fato bem conhecido que a discussão do homoerotismo, antes circunscrita a discursos especializados (como os discursos médico, clínico, psiquiátrico, literário, dentre outros), aparece atualmente em diferentes gêneros midiáticos, ao alcance do grande público. Exemplos notórios são: uma telenovela produzida por um grande canal de televisão nacional, que introduziu um casal de lésbicas; um programa de auditório que teve como tema o namoro entre lésbicas na TV; matéria sobre o comportamento de meninas que beijam outras na boca em revista *online* (iGirl, Seção Comportamento: *Meninas que beijam meninas*)<sup>1</sup>.

As questões que se levantam de imediato são as seguintes: como uma mídia com grau de penetração tão forte na sociedade permite discussão de questão antes restrita a publicações especializadas? Que identidade projeta-se para estas mulheres de tal forma que elas possam ser integradas a uma sociedade onde nunca houve discussão destas questões? Que papel desempenham os gêneros midiáticos populares, do ponto de vista dos conflitos sobre a construção do real? Até que ponto estes gêneros podem ser vistos como espaços de circulação de significados não-hegemônicos?

Nesta pesquisa, apresento uma análise de depoimentos publicados na *Revista Época*, número 22, edição de 19 de agosto de 2002, que fazem parte de uma matéria de capa, intitulada "As homossexuais brasileiras ocupam espaço público e afirmam sua orientação sexual com dignidade", e subordinadas a um texto-matriz, escrito pelo Editor-Assistente. Como veremos adiante, a matéria não *reflete* apenas o que ocorre na sociedade, mas tem potencial *fundador*<sup>2</sup>, ao construir uma representação de determinado tipo para essas mulheres.

Gostaria de apresentar um argumento em duas direções. Em primeiro lugar, estas narrativas funcionam como um recurso representacional (KRESS, 1996, p. 18) através do qual constrói-se uma identidade pública para essas mulheres, atribui-se significado social a suas experiências e estrutura-se a sua memória coletiva (BROCKMEIER; HARRÉ, 1997, p. 264; MISCHLER, 1999, p. 19). Em segundo lugar, argumento que a matéria em discussão dá a impressão de subscrever a uma concepção progressista da sexualidade, que rejeita a separação absoluta ou dicotômica entre a "homossexualidade" e a "heterossexualidade" (LACQUEUR, 2001, p.18)<sup>3</sup>

Retenho os termos "homossexual" e "heterossexual" quando os mesmos são usados na obra citada. Caso contrário, os termos "homoerotismo" e "sujeitos homoeróticos" são adotados (veja Costa, 2002 para argumentos que justificam esta prática discursiva). Muitas narradoras enfatizam o fato de "não terem aversão aos homens" e são caracterizadas como extremamente femininas. Esta representação das narradoras é reforçada pelas fotos que acompanham os depoimentos: são mulheres jovens, bonitas e femininas. No entanto, o ponto de vista

<sup>1</sup> Revista iGirl, Seção Comportamento, disponível na URL: <http://igirl.ig.com.br/website/sexo/comportamento>.

<sup>2</sup> Cf. Orlandi (2001) sobre "discursos fundadores": "[aqueles que] funcionam como referência básica na memória cognitiva [de um] país."

<sup>3</sup> Retenho os termos "homossexual" e "heterossexual" quando os mesmos são usados na obra citada. Caso contrário, os termos "homoerotismo" e "sujeitos homoeróticos" são adotados (veja Freire-Costa 2002 para argumentos que justificam esta prática discursiva).

mais abrangente que as *incorpora* ao nosso cotidiano é masculino: por seus atributos (pela sua "feminilidade") elas permanecem no âmbito do *olhar* masculino, passíveis de serem erotizadas.

## 2 Pressupostos teóricos

O pressuposto teórico fundamental desta pesquisa é o de que as identidades sociais são construídas discursivamente. Os construtos teóricos articulados na análise de narrativas de identidade organizam-se em três eixos: as relações entre *identidade social* e *narrativa*; as relações entre *identidade social* e *representações*; as relações entre *narrativas de identidade* e *ideologia*.

No primeiro eixo, encontro apoio teórico na noção de *identidade social* proposta por Hall (1998, p. 8) e na noção de *narrativa* de Mischler (2001). A *identidade social* é vista como o resultado de processos lingüísticos e discursivos: é através do diálogo com os diferentes discursos que circulam à nossa volta que constituímos nossa identidade. Igualmente importante é a noção de que a identidade não é um conceito unitário: participamos simultaneamente de diferentes grupos sociais e a nossa identidade constitui-se de forma heterogênea, refletindo os diferentes papéis que assumimos nestes diferentes diálogos (LOPES, 2001, p. 60). Por outro lado, argumenta Mischler que é através de *narrativas* que atribuímos significado às nossas experiências sociais e construímos nossas identidades.

No eixo das relações entre *identidade* e *representação*, adoto a concepção de *representação* de Silva (2000, p. 90), como um processo de construção de sentidos, que se distingue da visão clássica daquele conceito como uma forma de apreender o real "o mais fielmente possível". Tal visão permite, nos termos de Hall (2000a, p. 109), conceitualizar a *identidade*, não numa relação de exterioridade em relação à *representação*, mas gerada no interior de determinada *representação*.

No último eixo, o das relações entre *narrativas de identidade* e *ideologia*, argumentamos que a construção da identidade é um processo definido historicamente e culturalmente. Nesta visão, a *identidade* (e todas as práticas de produção de significado) envolve relações de poder, incluindo o poder para definir que significados são preferidos relativamente a outros (WOODWARD, 2000, p. 18).

Nos três eixos, figura uma concepção de *discurso* em duas dimensões. Na primeira dimensão, adota-se a concepção Foucaultiana de discurso como o conjunto de práticas que produzem uma determinada representação da realidade e que dialogam com outros discursos que se lhe opõem (MILLS, 1997, p. 11): o discurso patriarcal, por exemplo, opõe-se ao discurso sobre o homoerotismo. A segunda concepção de *discurso* está representada por uma dimensão interacional, com ênfase na noção de discurso como ação social. Esta última dimensão permite superar as limitações da primeira, que enfatiza as determinações estruturais sobre a ação discursiva de sujeitos

particulares, tratando-os como previamente posicionados e negligenciando os modos de ação através dos quais estes sujeitos podem constituir-se em determinados momentos de sua trajetória.

Esta visão dialética de discurso permite investigar as *coming out stories* do ponto de vista do contexto de cultura mais amplo que as rege, associando-as às *ordens do discurso* (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 58) a que estão relacionadas (o discurso da sexualidade, o discurso do amor romântico, o discurso sobre o gênero, dentre outros). Por outro lado, a partir da segunda concepção de discurso, as *coming out stories* podem ser analisadas do ponto de vista das relações sociais que se estabelecem no contexto de tomada dos depoimentos, particularmente as que posicionam as mulheres-informantes numa relação de subordinação em relação a uma macro-narrativa (a matéria em que os depoimentos estão inseridos) que é uma articulação do mundo centrada nos homens e recontada a partir de uma perspectiva masculina (CALDAS-COULTHARD, 1996, p. 256).

A categoria analítica adotada para o estudo destas narrativas é a categoria de *interdiscurso* (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 45), que diz respeito à articulação de diferentes vozes e discursos em textos e em interações. Através do estudo do *interdiscurso* nas narrativas produzidas pelos sujeitos desta pesquisa, pretendemos investigar os modos de constituição de mulheres homoeróticas, as vozes que ecoam neste processo e a perspectiva ou o ponto de vista a partir do qual constroem-se representações para essas mulheres.

### 3 Metodologia

Os depoimentos publicados na Revista Época estão subordinadas a um texto-matriz, escrito pelo Editor-Assistente de assuntos relativos ao tema Sociedade/Comportamento. As narrativas estão identificadas pelo primeiro nome da informante, publicado na reportagem.

Por sua natureza como um discurso público, as revistas estão envolvidas diretamente na construção e na cristalização de representações sociais, constituindo portanto valiosa fonte de referência no estudo de questões ligadas à construção da identidade, em suas dimensões de gênero, raça, sexo e profissão.

Os relatos apresentados satisfazem os quatro critérios propostos por Bruner (1997, p. 46ff) para a identificação de narrativas: 1) organizam o relato de forma seqüencial, ordenando os acontecimentos no tempo; 2) relatam situações que escapam ao cânone cultural (critério da "excepcionalidade"); 3) atendem ao critério de "dramaticidade"; e 4) apresentam dois planos discursivos: o plano da estória propriamente dita, cujos protagonistas são a personagem feminina e seus pais ou seus amigos; e o plano da enunciação, em que a informante dirige-se ao repórter que coletou os depoimentos e avalia a sua condição de lésbica e os problemas relacionados à sua orientação sexual.

Os critérios 3 e 4, “excepcionalidade” e “dramaticidade”, se por um lado conferem a estas narrativas a sua “reportabilidade” (LABOV; WALETSKY, 1967 apud CALDAS-COULTHARD, 1996, p. 256), aquilo que as faz dignas de serem contadas, por outro constituem os elementos que as caracterizam como *narrativas de transgressão*. Essas são narrativas que tendem a não ser *narráveis* socialmente, numa sociedade e num momento histórico em que ainda parece “natural”, para muitos, dividir as pessoas em “homossexuais” e “heterossexuais”, tratar estas duas categorias como estáveis e opostas (LAQUEUR, 2001, p. 18) e “[encarar] como uma perversão” a homossexualidade, “isto é, como especificamente não-natural e [...] moralmente condenada” (GIDDENS, 1992, p. 23).

O procedimento analítico consistiu em identificar os diferentes discursos que se articulam nessas narrativas, como forma de investigar os vínculos entre *identidades* constituídas no discurso e as *formações discursivas* que as propiciam. É no estabelecimento desse vínculo que tentamos identificar as *representações* do sujeito homoerótico projetadas no discurso.

O “reconhecimento” de diferentes discursos articulados nas narrativas em discussão foi baseado no conhecimento desta pesquisadora sobre discursos relativos à sexualidade e ao gênero. Este procedimento poderia ser questionado como um mero exercício de “expansão de significado” – uma expressão usada por Labov & Fanshel (1977, p. 49 apud MISCHLER, 1996, p. 95). Entretanto, argumenta-se (com o próprio Mischler) que procedimentos interpretativos desta natureza são uma parte constitutiva da pesquisa na área das ciências sociais e das humanidades, que baseiam-se na discussão e compreensão de questões culturais – estas, por sua vez, entendidas como práticas de produção de significados.

A identificação de elementos que sinalizam determinada formação discursiva na narrativa dos sujeitos de pesquisa apoiou-se nas “regras de formação” de discursos propostas por Foucault (1987, p. 43). Esta regras contemplam quatro dimensões: 1) a um determinado discurso deve corresponder uma determinada *representação* daquilo que está sendo dito (por exemplo, uma representação do sujeito homoerótico como “pervertido sexualmente”; ou das mulheres como frágeis e passivas); 2) um conjunto de “teorias ou temas” possíveis (por exemplo, uma teoria tida como de senso comum que pretende que a sexualidade é fundada na biologia, em oposição a teorias mais recentes que a vêem como uma construção social, ou discursiva); 3) um conjunto de “conceitos” característicos (por exemplo, os conceitos de comportamento “normal” vs. “patológico” em discussões sobre o homoerotismo); e 4) um lugar discursivo (ou “posição de sujeito”) para os sujeitos que personificam aquele discurso (por exemplo, uma posição de sujeito baseada na agressividade para as mulheres homoeróticas).

Numa segunda etapa, foram investigadas as relações de ordenamento (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 63) entre os discursos identificados. A análise dos modos de constituição do sujeito, portanto, pressupõe não somente a investigação dos discursos que são reunidos na sua narrativa, mas também das formas através das quais aquela articulação de discursos se textualiza.

#### 4 Narrativas de transgressão: o gênero "coming out stories"

Os depoimentos em discussão, daqui por diante nomeados "narrativas de identidade" por motivos que se tornarão claros a seguir, podem ser caracterizados como um subgênero das "narrativas de experiência pessoal" reconhecidas por Labov (1968), em função de articularem questões relativas a *sexualidade* e a *identidade* (CALDAS-COULTHARD, 1996, p. 256). Estas narrativas fazem referência específica ao momento e às circunstâncias em que as informantes assumem, perante a família ou amigos, sua orientação sexual.

Na linguagem das revistas, freqüentemente o título da chamada de capa, aquele que consta no índice e o que encabeça a matéria propriamente dita desempenham a função de Resumo e Orientação da narrativa (cf. LABOV, op. cit.). De fato, há Orientação já na chamada de capa, que nos fornece o assunto da matéria, as pessoas envolvidas e a situação que justifica a matéria sobre comportamento: *Lésbicas / Elas assumem / As homossexuais brasileiras ocupam espaço público e afirmam sua orientação sexual com dignidade*. Observa-se que o *ponto de vista* é anônimo na chamada de capa e no índice, mas representa o editor-assistente de comportamento, que assina a matéria e seu título no interior da revista.

O início da matéria fornece nova Orientação: "*há algo de novo nas ruas....*", "*as lésbicas estão mais à vontade....*", "*andam de mãos dadas....*", "*arriscam troca de carinhos....*". Se por um lado este segmento inicial restabelece a Orientação da matéria, por outro parece funcionar como uma tentativa do editor de justificá-la, como se a reportagem *refletisse* apenas as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade ("*o assunto está na moda*"), cumprindo assim sua função "social" de *espelhar* a sociedade. O editor faz questão de lembrar a seus leitores e leitoras da exibição de um programa na televisão que terá como tema o namoro entre lésbicas na TV, talvez numa tentativa de sancionar socialmente a matéria. Na verdade, argumento adiante que a matéria não "reflete" o que ocorre na sociedade, mas controla uma representação de determinado tipo para essas mulheres.

Kress e outros (1997, p. 270) argumentam que é preciso analisar a forma como linguagem e elementos visuais articulam-se num texto, funcionando como ancoragens para leituras ideologicamente marcadas. Embora não tenhamos condição, neste trabalho, de apresentar uma análise exaustiva da semiótica do espaço visual construído nesta matéria, não podemos deixar de tecer comentários sobre a função das fotos que a acompanham, na capa, no índice e no

interior da revista. Se por um lado estas fotos indicam que a matéria apresenta depoimentos de pessoas reais e não-ficcionalizadas (como freqüentemente ocorre em revistas), por outro elas funcionam como a ancoragem principal para a caracterização destas mulheres como representantes do "novo lesbianismo": são fotos de mulheres jovens, bem vestidas, bem cuidadas, que usam roupas justas, mini-saias, sapatos de salto e alto, maquiagem e cabelos longos. O ponto de vista mais abrangente que as *incorpora* ao nosso cotidiano é masculino: por seus atributos (pela sua "feminilidade") elas permanecem no âmbito do *olhar* masculino, passíveis de serem erotizadas.

As narrativas propriamente ditas, em número de sete, aparecem em boxes, destacadas do texto-matriz, encabeçadas pelo nome, idade e profissão da informante, ao lado de uma foto, ecoando o mesmo padrão da chamada de capa. A versão *online* da revista traz as narrativas que foram publicadas e também versões integrais das narrativas, além de dois depoimentos de parentes das narradoras. A versão em papel, portanto, não esclarece que as narrativas foram editadas para publicação, ou seja, sofreram cortes e outras mudanças.

#### 4.1 Identidade e interdiscurso

As narrativas analisadas articulam vários discursos (o discurso sobre o sexo ou comportamento sexual; o discurso sobre o amor; o discurso sobre o gênero; o discurso sobre a orientação sexual; o discurso patriarcal), que por sua vez, desdobram-se em pares em oposição dicotômica. Por exemplo, o discurso mais amplo sobre a sexualidade divide-se em um discurso conservador, que apresenta a sexualidade presa à reprodução (o discurso do sexo para reprodução) e um discurso mais progressista, da "sexualidade plástica" (GIDDENS, 1993, p. 19), que liberta a sexualidade das necessidades da reprodução. É no pareamento dicotômico desses discursos que observamos o modo de constituição do sujeito, atravessado por discursos em competição, que constituem sua memória discursiva.

Começamos pelo discurso patriarcal, que articula a questão da sexualidade aos valores relativos à família:

Ita Catrina: Assumir o meu desejo por outras mulheres não foi tarefa fácil. A educação nordestina é muito centrada nos valores familiares tradicionais.

A fala da informante evoca um discurso no sentido Foucaultiano, ao articular, de forma implícita, regras coercitivas que impedem a emergência de sua sexualidade: o léxico valorativo em *não foi tarefa fácil* sinaliza um núcleo de tensão na constituição da subjetividade da narradora. Neste fragmento, observa-se que a noção de sexualidade encontra-se subordinada à de *educação* e de *valores*: o que permite estabelecer a relação de subordinação é a relação causal implícita entre os dois enunciados (*não foi fácil [pois] a educação nordestina é muito centrada nos valores tradicionais*).

O discurso religioso, presente na fala da narradora a seguir, contribui para reforçar o discurso patriarcal, que subordina questões de sexualidade a questões de valores e família:

Rafaela: Namoro mulheres há três anos. Antes tive um relacionamento de três anos com um menino, porisso a decepção de minha mãe quando contei para ela a novidade. Foi um susto para eles. Bem, não carrego culpa cristã nenhuma.

Segundo Costa (2002, p. 43), antes do final do século XIX o homoerotismo era considerado um "pecado contra a alma". A noção de "culpa cristã", portanto, representa um elemento de um discurso residual do século XIX, que estabelecia uma representação do sujeito homoerótico no plano religioso ou moral, projetava uma identidade "virtuosa" para o seu locutor, enumerava um conjunto de temas possíveis (o controle dos instintos, o pecado e a virtude, a carne e o espírito, as crises de consciência), e mobilizava um vocabulário específico na discussão destes temas.

No fragmento a seguir, por exemplo, observa-se um discurso conservador sobre a sexualidade, provavelmente fundado na divisão da sexualidade em *normal / heterossexual* e *patológica / homossexual*:

Ita Catrina: ...meu pai até hoje prefere fingir que não sabe de nada. Às vezes ele fica falando barbaridades sobre gays e lésbicas na minha frente, critica mesmo.

Observa-se que a voz que introduz o discurso conservador não é da informante, mas de seu pai, o que não impede que este discurso esteja atuando no processo de construção da sua identidade, pois, como lembra Bakhtin (1981, p. 293-294), constituimo-nos a partir da perspectiva do outro. O ponto de vista que informa o discurso conservador sobre a sexualidade é de base *heterossexual, masculino*, voltado para o controle do comportamento social do sujeito homoerótico.

Observa-se a mesma configuração discursiva no trecho a seguir, em que a informante toma a decisão de assumir sua orientação sexual perante sua família:

Carolina: Nunca tive medo de perder emprego por causa da minha decisão, mas perdi amigos quando me assumi. Sabia que meus pais iriam me aceitar, mas eu tinha medo de fazê-los sofrer porque eles são de outra geração. Quando contei para eles, rolou a famosa cena do choro, mas as lágrimas caíram do meu rosto, não dos deles.

Nesta configuração discursiva, destaca-se o fato de que a narradora não é sujeito da sua própria linguagem e de sua sexualidade (COSTA, 1992, p. 39), pois atribui o sofrimento dos pais (e o seu próprio) a uma rede de preconceitos construída discursivamente, que os aprisiona por serem *de outra geração*. Justamente a geração que adota o hábito lingüístico de dividir a sexualidade em *normal / heterossexual* e *patológica / homossexual*.

Há narrativas que apresentam, na mesma fala, um discurso conservador sobre a sexualidade (patriarcal), onde se vincula a *sexualidade à família, educação e valores*, e elementos de um discurso progressista sobre a sexualidade:

Ana Paula: Namoro desde os 16 anos, meninos e meninas. Tive uns poucos namorados, queria experimentar os homens e ter certeza do que eu queria. Tive vários problemas familiares. Sou filha única, tive educação severa, fui criada pelos avós.

Neste fragmento, a narradora opõe ao discurso conservador, expresso pelas vozes familiares, um discurso progressista, que admite a pluralidade das práticas ou desejos sexuais dos homens e das mulheres (*namoro meninos e meninas*).

Ainda no plano da discussão de diferentes discursos sobre a sexualidade, observa-se na narrativa de muitas informantes a emergência do discurso da "sexualidade plástica", que, segundo Giddens (1993, p. 10), separa *sexo de reprodução*:

Ana Paula: ...não é porque duas mulheres estão juntas que elas não pensam em ter filhos. Eu penso em ter. Inseminação é muito cara e eu prefiro ter filho naturalmente.

Trata-se de um discurso progressista, que se opõe a um discurso conservador sobre a sexualidade das mulheres, que, por estar associada à reprodução, fica submetida ao controle do homem. Este discurso, da sexualidade plástica, propicia a emergência do discurso do "relacionamento puro", que se opõe ao discurso do amor romântico (GIDDENS, 1993, p. 10):

Raíssa: Essa coisa de separar amor e sexo, que os homens sempre souberam fazer, é uma descoberta recente para mulheres como eu (...) ...as mulheres aprenderam que é possível separar amor e sexo.

A fala da informante é informada por um discurso da "igualdade sexual", de base heterossexual, que reivindica para as mulheres o direito ao prazer sexual em igualdade de condições com os homens. Isto significa a dissociação do sexo e amor, que, como na fala da narradora, é uma condição tradicionalmente considerada aceitável apenas para os homens.

O discurso do "relacionamento puro", no entanto, que representa uma vertente progressista do discurso sobre o gênero (masculino e feminino), por subscrever a uma noção de igualdade sexual -e igualdade emocional (GIDDENS, 1993, p. 48) nos relacionamentos heterossexuais, convive com o discurso conservador do "modelo de dois sexos" das atividades e dos sentimentos:

Raíssa: Namorei homens, tive filho e pode ser que um dia volte a namorar rapazes. No momento estou desencantada. Não acho que eles sejam confiáveis. (...) Essa coisa de separar amor e sexo, que os homens sempre souberam fazer,....

Carolina: ...os meninos só quer[em] saber de ficar.

Raíssa: Relação com mulher é mais completa. Ela é mais companheira, amiga, amante. Ri com você, chora com você.

Observa-se, na fala das narradoras, o “modelo de dois sexos” (GIDDENS, 1993, p. 48), subordinado ao discurso patriarcal, de base conservadora e heterossexual, que preconiza um padrão duplo de comportamento nas esferas sexual e emocional para os homens. Ao caracterizar a relação interpessoal com uma mulher como uma relação baseada num forte vínculo emocional, a narradora exclui a possibilidade de vínculos emocionais nas relações heterossexuais, mantendo portanto a separação dicotômica entre os gêneros e reivindicando a esfera afetiva para as mulheres exclusivamente.

Passando à questão das possíveis pautas de conduta adotadas pelo sujeito homoerótico, observa-se a articulação de vários discursos nas narrativas das informantes:

Rafaela: Eu passei a vida inteira achando que sapatão fosse aquela mulher que dá porrada na outra nos botecos e gay é aquele cara que vê barata e sai correndo.

Daniele: O fim daquele estereótipo da lésbica masculinizada ajudou muito, é como se a coisa ficasse menos agressiva. As pessoas percebem que uma mulher pode ser lésbica sem perder a feminilidade.

Ita Catrina: Só aos 26 anos consegui ir a uma festa GLS. Percebi então que não era nenhum bicho de sete cabeças. Descobri que havia garotas como eu, e não apenas mulheres masculinizadas.

Nestas falas, detecta-se o discurso da “subcultura *camp*” (COSTA, 2002, p. 94), que introduz uma representação da mulher lésbica calcada em modelos paródicos do homem heterossexual. Introduce-se também, na última fala (*só aos 26 anos consegui ir a uma festa GLS*), o discurso da “cultura clandestina do gueto” (COSTA, 2002, p. 94), que figura em outras narrativas:

Rafaela: Particularmente, não sou de frequentar ambiente gay. Não vejo necessidade de me juntar para lutar por isso. Acho que a atitude política começa em casa, com os seus.

Para Costa (2002), a “subcultura do gueto”, formada por um determinado número de locais de encontro exclusivos, carrega valores sociais que reforçam o preconceito e a sensação de *anomie* dos sujeitos homoeróticos. Na fala da mesma narradora, observa-se também a presença do discurso da “militância *gay*” – muito comum após os conflitos de Stonewall nos Estados Unidos em julho de 1969 (BERUTTI, 1999, p. 90). O discurso é introduzido apenas para ser rejeitado: *não vejo necessidade de me juntar para lutar por isso.*

Para finalizar o exame dos modos de conduta do sujeito homoerótico, observa-se, na fala de uma informante, o discurso do “acting out sexual” (COSTA, 2002):

Ita Catrina: Mas ainda existem, principalmente aqui no Recife, aquelas que mantêm um namoradinho de fachada.

O discurso da *performance sexual* remete a um padrão duplo de comportamento cujo objetivo é “esconder” a sexualidade do sujeito e que, portanto, subscreve a uma concepção conservadora da sexualidade e determina um lugar social para o sujeito homoerótico. No fragmento a seguir, por exemplo, a informante relata uma ocasião em que desafiou o “papel de sujeito” prescrito pelo discurso homofóbico:

Ana Paula: ...já fomos agredidas por um homem. Fomos à delegacia e abrimos um processo. Ele nos agrediu física e moralmente. Acho que por isso as lésbicas não se expõem tanto. Somos fisicamente mais frágeis numa briga.

A par de articular o discurso homofóbico, através da voz do *outro*, a narradora relaciona-o a um dos signos mais fortes do lesbianismo, o da invisibilidade (BERUTTI, 2001, p. 90): *Acho que por isso as lésbicas não se expõem tanto.*

#### 4.2 Heterogeneidade discursiva

A análise dos depoimentos revela que a fala das informantes caracteriza-se por articular discursos de diferentes ordens, ou por apresentar uma *heterogeneidade discursiva*. Esta heterogeneidade gera uma “identidade em movimento” (TORRES, 1996, p. 187), que desafia a visão estática, essencialista do sujeito homoerótico. Neste sentido, observa-se em várias destas narrativas a preocupação das informantes de afirmarem que a sua orientação sexual não é fixa, podendo mudar a qualquer momento. Em geral, esta afirmação ocorre no segmento final da narrativa (Coda), que contém uma espécie de “avaliação final” da condição de assumir publicamente sua orientação sexual:

Carolina: Não vou dizer que nunca mais ficarei com homem, até porque nunca me imaginei homossexual.

Raíssa: No final das contas, eu não quero que me julguem. Sou missionária de minhas idéias e se no meio do caminho descubro que aquilo não me interessa mais, mudo meu percurso.

A preocupação de afirmar o caráter “maleável” de sua orientação sexual marca a natureza aberta da identidade na vida social moderna, em que os esterótipos sexuais dominantes são questionados (GIDDENS, 1992, p. 41). Esta preocupação aparece também no decorrer da narrativa, em segmentos de Avaliação, em que a narradora passa do plano da estória sendo contada para aquele da enunciação, dirigindo-se ao repórter:

Rafaela: Nunca transitei como bissexual, mas não posso dizer que a decisão é definitiva, porque não tenho aversão a homens.

Rosane: Desde então, nunca mais fiquei com homens. Não te-

nho vontade, mas isso não significa que não possa voltar a fazê-lo um dia.

Ao deixarem em aberto sua identidade sexual, estas narradoras constroem uma narrativa pessoal que se projeta em relação ao futuro, o que sugere que a narrativa em discussão *não* é apenas uma narrativa de identidade sexual, mas um "projeto reflexivo [do eu] – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro", que caracteriza a vida social moderna nos períodos mais recentes (GIDDENS, 1992, p. 71). Essa interpretação é validada por outras narrativas em que se rejeita explicitamente que a orientação sexual seja o único fator na construção da identidade pública:

Ana Paula: A homossexualidade é só um pedaço da minha vida.

A fala da narradora revela consciência de que o preço a pagar pela construção de sua identidade pública é o de responder socialmente por um traço de sua identidade que passa a ser preponderante em relação aos outros. Segundo Costa (1992, p. 35), "só excepcionalmente alguns [homossexuais] conseguem impor outros traços de sua subjetividade à consideração pública."

#### 4.3 Relações de ordenamento entre os discursos

As relações de ordenamento entre os discursos parecem obedecer a um padrão de pareamento dicotômico: a cada discurso progressista sobre a sexualidade, em que a narradora afirma a sua sexualidade, corresponde um discurso conservador. Esse padrão na articulação dos discursos fixa as narradoras num lugar de fala que é o lugar do Outro: ao se representarem, as narradoras apresentam-se em oposição a discursos hegemônicos, ou "discursos competentes" (CHAUI, 2000, p. 7). Para esta última autora, os "discursos competentes" são aqueles que se apresentam como constituídos por uma voz única e que funcionam no sentido de apagar a diferença, seja ela cultural, lingüística, racial, de gênero (homem ou mulher), ou ainda de orientação sexual.

É a partir dessa "fixação dos sujeitos nos lugares prescritos pela montagem" (COSTA, 1992, p. 35) que entendemos o trabalho da ideologia. A mulher lésbica é duplamente inscrita como o Outro: em oposição ao discurso heterossexual hegemônico, mas também em oposição ao discurso patriarcal, fundado na luta sobre *gênero e poder*. Assim, a constituição de uma identidade lésbica de determinada feição (o *lesbianismo chic* apresentado na matéria de capa que introduz as narrativas em discussão) é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre *gênero e poder*. Adaptando proposição de Laqueur (2001, p. 23) a respeito da sexualidade, "quase tudo que se queira dizer sobre [o lesbianismo] já contém em si uma reivindicação sobre o gênero."

Uma análise mais completa do significado cultural destas estórias exigiria justapô-las a representações contemporâneas do

feminino, avançando além da descrição e interpretação dos discursos articulados nestas estórias na direção da investigação das condições de possibilidade do discurso sobre o lesbianismo – ou seja, das condições presentes que abrem um espaço de representação para estas mulheres. Nixon (apud HALL, 2000b, p. 328), por exemplo, argumenta que “as mulheres jovens têm um senso de feminilidade independente, mais assertivo e mais confiante”.

### 5 O gênero *coming out stories* e a construção de um discurso de resistência

O gênero *coming out stories* é um recurso representacional que constroi um novo *sujeito do discurso*, uma nova forma de representação social para o sujeito excluído. Do ponto de vista dos sujeitos homoeróticos destas narrativas, elas têm sido *objeto* do discurso do outro, do discurso do saber, em inúmeras obras que discutem o homoerotismo, mas, através destas narrativas, constituem-se como sujeitos do seu próprio discurso.

No entanto, estas narrativas são subordinadas a um texto que se caracteriza fundamentalmente por ser o *locus* de embates ideológicos: embora apresente-se como alinhado a discursos progressistas da sexualidade, que rejeitam a separação absoluta entre “homossexualismo” e “heterossexualismo”, o texto é marcado por valores associados a discursos que aprisionam a mulher no âmbito do desejo e do olhar masculinos, como fica claro por sua ênfase na noção de *lesbianismo chic*, praticado por mulheres femininas, jovens e bonitas. Neste sentido, é preciso lembrar que a “feminilidade” é construída socialmente, não uma condição “natural” da mulher, tendo seu sentido subordinado a um contexto histórico e cultural que institucionaliza a dominação sexual masculina e a submissão sexual feminina (GUEDES, 2001, p. 103). Nas palavras de Costa (1992, p. 28): “Todo objeto de desejo é produto da linguagem que aponta para o que ‘é digno de ser desejado’ e para o que ‘deve ser desprezado’ ou tido como indiferente, como incapaz de despertar excitação erótica.”

Por outro lado, ainda, as próprias narrativas são atravessadas por discursos contraditórios. Kress e outros argumentam que “os discursos não existem isoladamente, mas no interior de um sistema mais amplo de discursos freqüentemente opostos, contraditórios, em competição, ou apenas diferentes” (1997, p. 7). De fato, estas narrativas parecem alinhar-se a discursos progressistas sobre o sexo, que o trata como “autônomo em relação a outras formas de relacionamento”: “as mulheres aprenderam que é possível separar amor e sexo.” No entanto, as mesmas narrativas constroem representações estereotipadas dos homens, com base justamente na sua capacidade de separar o sexo de outras formas de envolvimento pessoal: “os homens não são confiáveis”; “separam amor e sexo”; “os meninos só queriam saber de ficar”.

Se por um lado assumem a sua orientação sexual e o fazem “com dignidade”, como argumenta o editor-assistente que se responsabiliza

pela matéria, estas mulheres continuam prisioneiras da sua linguagem e da sua sexualidade, ao admitirem que existem como objeto para os olhos dos homens: "os homens têm fetiche por duas mulheres". Esta narrativas são portanto *contidas* por um discurso patriarcal *visual* do *ser e ser visto*, que representa uma fantasia masculina de dominação e controle sobre a sexualidade feminina.

A melhor forma de concluir este artigo é buscando inspiração teórica nas palavras de Kress (1996, p. 18), que argumenta que "os recursos representacionais [gêneros e discursos] constituem uma tecnologia muito específica (...), que é capacitante em determinadas direções, mas que impede [avanços] em outras". De fato, o gênero *coming out stories* constroi um novo *sujeito do discurso*, ao codificar um conjunto de práticas sociais através das quais o sujeito homoerótico se representa para si próprio e para outros. Mas, ao fazê-lo, revela a forma como os significados sociais mais amplos de nossa cultura, neste momento histórico, relativos a questões de sexualidade, impedem ganhos mais expressivos na tarefa de criarmos "novas linguagens de desejos e sentimento privados [...]" (COSTA, 1992, p. 55).

Apesar destas limitações, o gênero *coming out stories* representa um discurso de resistência, ao construir uma identidade para mulheres que buscam transformar suas experiências de vida em eventos narráveis socialmente.

#### Abstract

*So-called coming out stories represent a "narrative of transgression" (CALDAS-COULTHARD, 1996, p. 256), associated with the public affirmation of a sexual identity which is still seen by many people as transgressive (GIDDENS, 1992, p. 23). On the other hand, the genre coming out stories constructs a new subject of discourse, in codifying a set of social practices through which the homoerotic subject represents herself to others. In this research I analyze narratives published in issue 22 of Época, a Brazilian magazine, and which are part of a cover story entitled "Brazilian homosexual women occupy public space and affirm their sexual orientation with dignity". My main argument is that the distinct patterning of discourses (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 58) in these narratives doubly inscribes these women as the Other of hegemonic discourses on sex and on gender. However, although they are doubly inscribed, their narratives challenge the boundaries of "competent discourses" (CHAUÍ, 2000, p. 7), constituted to erase cultural, linguistic, ethnic, gender or sexual differences.*

## Referências

- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BERUTTI, E. B. Gays, lésbicas e AIDS: uma perspectiva queer. In: OLIVEIRA LIMA, T. M.; MONTEIRO, C. (Org.). *Representações culturais do outro nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura: UFF, 2001. p. 89-95.
- BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrative: problems and promises of an alternative paradigm. *Research in language and social interaction*, v. 30, no. 4, p. 263-283, 1997.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. Women who pay for sex and enjoy it: transgression versus morality in women's magazines. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Ed.). *Texts and practices*. London: Longman, 1996. p. 250-270.
- CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. Campinas, SP: Cortez, 2000.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, J. Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.
- GUEDES, P.V. Desafiando mitos de feminilidade: o grotesco e o erótico em *Nights at the circus* e em *The passion*. In: LIMA, T. M Oliveira.; MONTEIRO, C. (Org.). *Representações culturais do outro nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura: UFF, 2001. p. 97-112.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000a. p. 103-133.
- HALL, S. (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 2000b.

- KRESS, G. Representational resources and the production of subjectivity: questions for the theoretical development of critical discourse analysis in a multicultural society. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Ed.). *Texts and practices*. London: Longman, 1996. p. 15-31.
- KRESS, G. et al. Discourse semiotics. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997. p. 257-291.
- LACQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOPES, L. P. M. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO et al. (Org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 55-71.
- MCLOUGHLIN, L. *The language of magazines*. London: Routledge, 2000.
- MILLS, S. *Discourse*. London: Routledge, 1997.
- MISCHLER, E. G. *Craftartists' narratives of identity*. Harvard: Harvard University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Narrative and identity: the double arrow of time*. Palestra proferida na sessão plenária do Simpósio Discurso e Identidade, Rio de Janeiro, PUC, maio de 2001.
- \_\_\_\_\_. *Research interviewing: context and narrative*. Harvard: Harvard University Press, 1996.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TORRES, S. Desestabilizando o "discurso competente": o discurso hegemônico e as culturas híbridas. *Gragoatá*, Niterói, v. 1, p. 179-189, 1996.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.